

Medo, mistério e dúvida: Uma história de fotonovela em diálogo com o gênero fantástico

Daniela Maria Nazaré da Silva Cândido¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que algumas histórias de fotonovelas, que eram publicadas em revistas femininas, faziam uso de artifícios semelhantes aos encontrados em contos do gênero fantástico. Para tanto, comparar-se-á um conto de Conan Doyle denominado “A caixa laqueada” e o enredo em quadros que tem como título “A casa da Colina”, colocando em evidência suas semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: Fotonovela; Fantástico; Estranho.

RESUMEN: El presente trabajo tiene el objetivo de demostrar que algunas historias de fotonovelas, que se publicaban en revistas femeninas, usaban estrategias semejantes a las que se encuentran en cuentos del género fantástico. Para esto, se hará una comparación con un cuento de Conan Doyle que se nombra “A caixa laqueada” y el enredo en cuadros que tienen como título “A casa da colina”, así se pondrá a claras sus semejanzas y diferencias.

Palabras-clave: Fotonovela; Fantástico; Extraño.

As fotonovelas faziam parte da composição de revistas femininas e permaneceram no mercado durante pouco mais de vinte e cinco anos. Devido ao índice muito alto de vendagem, especialmente nas décadas de 60 e 70, sabe-se que essas produções atingiram o denominado “grande público”.

O amor romântico era o tema principal da maioria delas. No entanto, ao se fazer um estudo mais profundo deste material, verifica-se que não existem apenas histórias que retratam o romance de um casal apaixonado que muito sofre para conseguir ficar junto no final. Estas produções são compostas com o objetivo de atingir o maior número de leitores possível, levando em conta a diversidade de temas abordados em seus enredos. Dessa forma, atinge-se desde o leitor mais romântico que tem preferência por leituras melodramáticas até aquele que tem atração por aventuras mais fortes.

Partindo dessa diversidade temática nos enredos presentes nessas histórias em quadro, pretende-se colocar em evidência alguns pontos em comum entre as fotonovelas e o gênero

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

fantástico. Sabe-se que ambos se afinam com um público que busca na leitura uma fonte de prazer mais acessível. Devido a isso, caracterizam-se como leituras que exigem menos esforço intelectual, uma vez que são conhecidas como leituras de fácil entendimento, mas que prendem a atenção do leitor do início ao fim de suas histórias.

Em geral, as obras fantásticas são publicadas em livro enquanto as fotonovelas chegavam até os leitores por meio de revistas. Este fato não impede que haja um diálogo entre elas, pois ao se fazer a leitura de alguns enredos de fotonovelas, pode-se observar que muitos artifícios encontrados neles foram emprestados do gênero fantástico.

São exatamente esses pontos de intersecção entre as fotonovelas e o gênero fantástico que se pretende colocar em evidência. Para tanto, analisar-se-á o enredo da fotonovela “A casa da Colina”, publicada pela revista *Capricho* em 1973. O estudo terá como referencial teórico basilar o livro de Tzvetan Todorov e sua “definição do fantástico” em *A Introdução à Literatura Fantástica* (1981). Também, buscar-se-á retratar como os recursos utilizados por contos fantásticos se assemelham com os usados pelas histórias construídas por diálogos e fotografias. A fim de realizar a comparação, escolheu-se o conto de Conan Doyle, intitulado “A caixa laqueada”.

O teórico Jacques Finné afirma que é comum na narrativa fantástica a presença da palavra explicação, como se os personagens necessitassem de uma. Para o autor, os mistérios lógicos são eliminados quando ela é encontrada. O autor ainda fala que a “tensão” dura enquanto o “mistério” se mantém:

Toda narrativa fantástica é pois subordinada a uma explicação. A essa constatação, ecoam: a presença da palavra explicação na maioria das narrativas fantásticas como se os protagonistas a esperassem, a desejassem, não pudessem ficar sem ela; (...)
A narrativa fantástica é então uma narrativa de mistérios lógicos que são dissolvidos por uma explicação. Eis que conduz a uma consequência importante na organização da própria narrativa. Improvisemos. Imaginemos dois cômodos colados um ao outro, dois quartos que não são unidos por nenhuma porta. Uma porta é aberta à esquerda do quarto A, uma outra à direita do quarto B. Nenhuma janela, nem em A, nem em B. Dois guardas vigiam cada uma das portas. Tranca-se uma mulher em A. Uma hora mais tarde, nós a encontramos em B. Mistério lógico, já que as circunstâncias tornavam impossível tal passagem. Fico perturbado. Não quero, nem posso acreditar. Que explicação me aquietará? A senhora pode atravessar as paredes, talvez. Não teriam os quatro guardas adormecido? Ou então, a senhora sabia da existência de uma porta secreta entre A e B? Na verdade, pouco importa. A partir do momento em que terei lido uma explicação que esclareça o mistério lógico, discutirei talvez sua eficácia narrativa, mas não sofrerei mais essa perturbação lógica devida ao mistério. Além disso, a narrativa se subdivide em dois vetores: um vetor

de *tensão*, que se centra nos mistérios e que tem por efeito perturbar o leitor; um vetor de *distensão*, que anula a tensão. O limite entre os dois é dada pela explicação. Observemos também que, mesmo em nosso exemplo, os dois vetores da narrativa não são iguais em comprimento, o vetor-distensão é muito mais curto que o vetor-tensão. (1980, p. 19-20)

A partir das considerações do autor, pode-se afirmar que tanto no conto quanto na fotonovela, a “tensão” se centra nos mistérios que perturbam o leitor. No final de ambas as narrativas, a “tensão” é anulada devido a “distensão”, ou seja, leitor e personagem encontram uma explicação. Na história em quadros “A casa da Colina”, os problemas que envolvem a mocinha, que aparentemente tem contato com alma de outro mundo, são resolvidos com a ajuda de um médico psiquiátrico. No conto “A caixa laqueada”, o suspense criado devido uma voz de mulher que parece vir do “além”, é rompido quando se conhece que esta provém de um aparelho gravador.

Para ilustrar a dúvida entre a realidade e a ilusão como elemento que move o coração do fantástico, Todorov cita o personagem Álvaro do conto “O diabo apaixonado”, de Cazote. Segundo o autor, o protagonista se depara com uma sílfide e vacila perguntando a si próprio se sua visão se trata de um acontecimento real ou de uma simples ilusão. Da mesma forma, confunde a vida material com sonho, envolvendo-se com uma mulher que “talvez” seja o diabo e duvidando se este fato havia acontecido realmente ou se apenas havia dormido e sonhado.

O protagonista da fotonovela se assemelha ao personagem do conto citado por Todorov exatamente pela dúvida que o assola em determinado período da história. Mário tem uma noiva que se chama Érica. Muitas vezes, esta personagem se confunde com outra mulher que tem o mesmo nome, viveu e morreu um século antes do tempo da narrativa. A moça se encontra com o homem que a falecida amava nesse distante passado e Mário vacila entre a ilusão e a realidade. Essa oscilação fica marcada pela intervenção do narrador: “Tem a *impressão* de ouvir passos sobre o pedregulho da alameda”; e por seu próprio pensamento: “Não pode ser verdade... estou sonhando...” (CAPRICHIO, 1973, p. 89).

Algo semelhante acontece com o narrador-personagem, Sr Witherton, de “A caixa laqueada”. Esta, que dá nome ao conto, é a responsável por deixar um ar de mistério na casa de Sir João Bollamore. Todos que viviam nessa residência tinham a curiosidade de saber o segredo que envolvia a intocável caixinha do dono do antigo casarão. O suspense é criado

devido ao segredo não somente deste objeto, mas também, porque os funcionários da enorme residência ouviam sair da sala do patrão, uma voz de mulher sem que ninguém nunca a visse entrar.

Em um momento dessa narrativa, o narrador- personagem, professor do filho de Sir João, encontra-se em condição de sonolência por não ter dormido durante a noite e por estar sob efeito de remédio. Ele próprio afirma seu estado de semiconsciência e sua impressão de estar sonhando no momento em que está no cômodo onde o patrão guardava a caixa secreta. Neste caso, portanto, há também aqui um vacilo entre a ilusão e a realidade:

Ignoro quanto tempo durou meu sono, mas o fato é que, quando acordei, reinava a mais completa escuridão. Meio aturdido pelo efeito da clorodina que tomara, continuei no mesmo lugar, em estado de semiconsciência [...] distingi a figura de Sir João Bollamore, sentado diante de sua mesa de trabalho. [...] Como num sonho, tive vaga consciência de que era a caixa laqueada que se achava diante dele [...] (DOYLE, p. 197).

O autor Remo Ceserani, que também discute o gênero fantástico, cita vários contos em seu livro *O fantástico* (2006). Um deles merece destaque por se assemelhar muito com a fotonovela estudada neste trabalho. A começar pela coincidência do título, pois o conto de Hoffmann, destacado pelo autor, é denominado “A casa deserta” e a fotonovela leva o nome de “A casa da colina”.

De acordo com Ceserani, o pano de fundo daquela história se discute sobre visionários e visões fantásticas; há a apresentação de elementos inexplicáveis e o mundo das visões e do clima visionário. (2006 p. 30) Tudo isso se aproxima muito da fotonovela escolhida para análise, pois, sua personagem principal tem visões fantásticas e o clima de mistério é construído por vários elementos inexplicáveis.

Segundo Todorov “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais do que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1981, p. 16). O enredo desta fotonovela se baseia em acontecimentos aparentemente sobrenaturais, pois o casal protagonista, de certa forma, envolve-se com outro casal que viveu e morreu num século anterior ao tempo da narrativa.

Todos os acontecimentos fantásticos ocorrem dentro da casa que dá o nome à história e tudo se inicia por meio de um sonho que a protagonista Érica tem antes de casar. As

situações vividas pelos personagens fazem o leitor pressupor que o homem desconhecido que aparece em seus sonhos, leva-a até o local dos acontecimentos sobrenaturais. A partir disso, seu noivo Mário tenta descobrir a razão de todos os mistérios que passam a rondar a vida da mulher amada. Com as investigações, conhece a vida de um casal que morreu cem anos antes do presente da narrativa e perturba-se com as muitas coincidências existentes entre a moça falecida e sua noiva, principalmente pelo fato de ambas se chamarem Érica.

O ambiente do conto “A caixa laqueada” também se passa numa casa cuja descrição é feita pelo narrador-personagem. A partir das características destacadas por ele, observa-se a atmosfera misteriosa e amedrontadora que permeia os moradores do casarão:

Era uma casa antiquíssima, incrivelmente antiga, porque uma parte da construção era anterior aos normandos [...] No dia em que cheguei lá senti um calafrio que me atingiu até o coração, ao ver aqueles muros cinzentos desmedidamente espessos, as pedras toscas a desmoronarem-se e o cheiro semelhante ao de animal que exalavam os rebocos estragados do secular edifício (DOYLE, s/d, p. 186).

Tanto na fotonovela quanto no conto estudado, as casas antigas colaboram para acentuar o ambiente misterioso e tenebroso que permeia as histórias. Na primeira, não é preciso a descrição de um narrador, pois por meio das fotografias, o leitor conhece a casa da colina. No caso do conto, o misterioso aspecto do casarão é construído pela intervenção do narrador-personagem, como se pôde observar na citação acima.



Para Todorov, o efeito fantástico é criado quando um fenômeno estranho pode ser explicado tanto de forma natural quanto sobrenatural. (TODOROV, 1981, p.16). Na fotonovela, a personagem masculina oscila o tempo todo entre o mundo “real” e o “irreal”. Diante das situações “estranhas” vividas por Érica, busca soluções e explicações científicas, julgando que a moça sofra de uma doença psiquiátrica, mas isso não o deixa imune aos fenômenos “estranhos”, o que causa assombro no protagonista.

O personagem-narrador do conto de Doyle também percorre o mundo real e o irreal quando não tem certeza se é a voz de “uma mulher” que sai do cômodo habitado por Sir João. Tudo isso, porque a esposa do dono da casa morreu e em vida foi responsável por livrá-lo do alcoolismo. Devido ao fato de não se entender como a mulher adentra à casa, seus moradores se espantam ao ouvir uma voz feminina que “aparentemente” conversa com o dono da

habitação. Na imaginação dos leitores e personagens, paira a ideia de que o homem dialogava com a “alma da falecida”.

O narrador-personagem oscila entre acreditar que se trata de uma mulher de carne e osso que adentra a casa por meio de uma passagem secreta e ao mesmo tempo se sente influenciado pelas crenças “supersticiosas” que os criados da casa construíram em torno da tal caixa laqueada:

Então, de repente, lembrei-me de quão antigo era aquele edifício e quão provável que existisse nele alguma passagem medieval (DOYLE, p. 193). [...] Nova lenda de fantasma vinha somar-me, diante de nossos próprios olhos, às muitas que desde antigamente circulavam sobre Thorpe Place (p. 197).

Todorov explicita definições de diferentes autores como Castex, Louis Vax e Roger Caillois, que definem o fantástico de forma semelhante, pois para eles, “o mistério”, o “inexplicável” e o “inadmissível” rompem a “vida real”, o “mundo real”, a “legalidade cotidiana” (TODOROV, 1981, p.16). Este fato é representado pelo herói da fotonovela *A Casa da Colina*. Todos os conhecimentos do personagem são baseados pela ciência, levando em conta sua profissão de médico. Para ele, todos os acontecimentos que envolvem sua noiva são “estranhos”, pois sua legalidade cotidiana é rompida, o “mistério” surge diante de sua vida real e se depara várias vezes ante o inexplicável.

Mesmo tentando dar uma explicação de acordo com seus conhecimentos científicos, o herói se desestabiliza diante dos “estranhos” acontecimentos que envolvem Érica. A princípio, as histórias em relação à casa da colina soavam como lendas para o personagem, mas em determinado momento da narrativa, ele mesmo se surpreende em relação às coincidências entre a moça viva e a morta; e diante do comportamento de sua noiva.

Tudo isso começa quando o “mocinho” descobre que a mulher que já havia morrido tinha o mesmo nome que sua noiva, o que lhe causa uma reação “estranha” de acordo com o narrador: “Mário sente um arrepio gelado” (CAPRICHIO, 1973, p. 74). Érica se veste de branco e se direciona para o alto do rochedo como se estivesse à espera de alguém da mesma forma que fazia a moça que vivera um século antes ao esperar o noivo voltar. Quando Mário descobre isso, pensa: “Fica cada vez mais difícil encontrar uma explicação científica” (CAPRICHIO, 1973, p. 80). “A mocinha” entra na casa da falecida e toca piano como se

entendesse profundamente de música sem nunca haver estudado. Seu noivo se surpreende: “Pela primeira vez na vida não consigo raciocinar com lógica” (CAPRICHIO, 1973, P. 84). As reações do personagem diante das situações estranhas demonstram que o “real” é rompido pelo “irreal”. O protagonista se vê diante de uma situação inexplicável, misteriosa.

Em outras circunstâncias, o real, a legalidade cotidiana, também é rompida no conto “A caixa laqueada”. Apesar das sensações diferentes sentidas pelo personagem-narrador ao se deparar com a antiga casa de seu patrão, tudo parecia correr normalmente até o dia que escuta a voz da mulher misteriosa dentro dos aposentos deste.

Até então, apenas os outros moradores da casa sabiam das “lendas” que envolviam o cômodo preferido de Sir João. Este fator vai intensificando o clima de mistério presente na história. Assim, conta o administrador ao personagem-narrador quando este, exclusivamente tem a oportunidade de entrar no cômodo “secreto”:

O senhor mal pode se dar conta da exceção que foi feita em seu favor, disse ele. Aquele aposento manteve-se no mais completo mistério e as visitas que Sir João a ele faz são tão regulares e indefectíveis, que deram lugar a surgir um sentimento quase supersticioso entre a criadagem e o pessoal da casa (DOYLE, p. 189).

De acordo com Todorov, o coração do fantástico é a ambiguidade. (TODOROV, 1981, P. 15) É comum o personagem de uma narrativa fantástica vacilar entre o sonho e a realidade, entre a verdade e a ilusão. Em muitos momentos, o protagonista de “A Casa da Colina”, encontra-se numa situação de dúvida. É o que acontece quando se encontra na antiga casa da moça do passado e repara que a mulher de um quadro tem no dedo o mesmo anel que sua noiva está usando. O personagem oscila e seus pensamentos são expressos pelo narrador: “Será mais uma coincidência ou mais uma prova de que se encontra diante de um fenômeno que escapa à mente humana?” (CAPRICHIO, 1973, p. 86). Quando se encontra sozinho e tem a impressão de ouvir passos “sobrenaturais”, em pensamento, vacila entre o “sonho” e a “realidade”: “Não pode ser verdade... estou sonhando” (CAPRICHIO, 1973, p. 34).

Ainda de acordo com o teórico, no mundo natural conforme o conhecemos, há acontecimentos que não se podem explicar pelas leis desse mundo familiar. Quem os percebe deve optar por uma de duas soluções possíveis: ou o acontecimento é fruto da imaginação ou

ocorreu realmente, mas é integrante de uma realidade que é regida por leis que não conhecemos:

Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 1981, p. 15)

No caso dessa história da fotonovela estudada, o personagem está imaginando, sonhando ou está realmente tendo um encontro com “almas de outro mundo”. Essa dúvida também ocorre em relação à heroína, pois não se sabe se ela está passando por uma crise psiquiátrica ou se realmente está se relacionando com a “alma” do homem que viveu um século antes do presente da narrativa.

Todorov afirma que “o fantástico ocupa o tempo desta incerteza” (1981, p. 15). Essa dúvida é representada pelo herói e perpassa grande parte do enredo de “A Casa da Colina”. Enquanto a heroína está totalmente imersa no passado não tendo condições de questionar se todos os acontecimentos são frutos de sua imaginação ou se ocorrem realmente, Mário analisa o comportamento da moça, envolvendo-se com os acontecimentos “estranhos” e com as coincidências existentes entre a Érica do passado e do presente. Mesmo tendo convicção nos seus conhecimentos científicos, essas situações causam medo no personagem: “Não posso deixar que o medo tome conta de mim” (CAPRICHIO, 1973, p. 38).

Durante a maior parte do enredo, o personagem se vê diante de uma complicada situação. Sua noiva deixa-o esperando no altar por causa de um sonho que teve com um homem e uma casa desconhecida. O casal se hospeda na antiga casa e o comportamento da mocinha se modifica drasticamente. Mário descobre que o moço que viveu um século antes morreu e sua noiva ficou um ano à espera de seu amor até que morre de decepção. Érica do passado, todos os dias, esperava o homem que amava no alto de um rochedo.

Quando adquire essas informações, Mário percebe que sua noiva está repetindo as mesmas atitudes da moça do passado. Neste momento, como já foi colocado, o personagem oscila entre as explicações científicas e uma realidade que não se conhece as leis que a regem. Isso se torna perceptível quando o herói se vê perante às situações estranhas e fica em dúvida se suas visões são sonhos ou realidade; e quando sente medo por estar entrando numa área

desconhecida da “medicina”, uma vez que tenta relacionar os problemas da noiva a um problema psiquiátrico.

Num determinado momento da trama, o rapaz relaciona o anel com as “perturbações” de Érica. A princípio, há certo receio se o que ocorre com a mocinha é algo sobrenatural, devido às coincidências entre a moça viva e a morta. O texto sugere as seguintes interpretações: a protagonista está sendo influenciada pela Érica que morreu cem anos antes ou simplesmente é a sua “reencarnação”.

As dúvidas que permeiam a personagem do conto de Doyle se assemelham com as do protagonista desta fotonovela. Os dois enredos envolvem lendas em relação a “almas de outro mundo”. O que as diferencia é que o “mocinho” da história em quadros está envolvido diretamente com a trama enquanto Witherton é apenas mais um morador da casa, e a partir disso, resolve contar a misteriosa história.

Enquanto na fotonovela o anel pode ser o causador dos misteriosos acontecimentos, no conto a caixa laqueada é a responsável por deixar personagens e leitores intrigados diante da curiosidade da verdadeira procedência da voz de uma mulher que ninguém conhece, nem vê, porém a ouve. Assim, as duas possíveis interpretações são: ou a falecida volta para conversar com o marido ou uma mulher “real” tem acesso a casa por um lugar secreto.

Ao se voltar à fotonovela, enquanto a história ocupava o tempo da incerteza, levando em conta as situações vividas pelo casal protagonista, enquadrava-se na vertente do fantástico. No final da trama, o personagem que oscilava entre o “natural” e o “sobrenatural”, decidiu por uma solução científica, “real” e possível de ser explicada pelas leis que conhecemos. Neste caso, o enredo passa da vertente do fantástico para a do estranho, pois segundo Todorov: “Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso” (TODOROV, 1981, p. 16).

Em comparação com o conto de Doyle, isso também ocorre com Witherton. Durante quase toda a narrativa a personagem oscila entre uma explicação que seria aceita pelo mundo comum e uma que iria além do campo do mundo que conhecemos. Quando o narrador-personagem descobre que a caixa misteriosa apenas guarda a gravação da voz de uma mulher falecida, o enredo passa para o gênero do estranho, afinal tanto leitor quanto a própria

personagem tomam nota de uma explicação racional para aquilo que havia desestabilizado o cotidiano.

O mesmo acontece na história de fotonovela. A personagem masculina vacila durante longo tempo, mas acaba finalmente no “estranho”. De acordo com Tzvetan Todorov:

Os acontecimentos que com o passar do relato parecem sobrenaturais, recebem, finalmente, uma explicação racional. O caráter insólito desses acontecimentos é o que permitiu que durante comprido tempo o personagem e o leitor acreditassem na intervenção do sobrenatural. A crítica descreveu (e freqüentemente condenou) esta variedade com o nome de “*sobrenatural explicado*” (TODOROV, 1981, p. 25).

O protagonista de “A casa da Colina” se envolve com a situação de sua noiva que acredita estar se relacionando com pessoas que já morreram. Embora, muitas vezes, o mocinho fique em dúvida se esses acontecimentos são reais, busca uma explicação científica com a ajuda de um professor e médico psiquiátrico.

Dessa forma, Mário opta pela solução dada pelo especialista de que Érica apenas utilizou a sua força mental. Conseqüentemente, o leitor também faz essa opção, pois está integrado com o mundo dos personagens e tem uma percepção ambígua dos acontecimentos. Além disso, o narrador tem fundamental importância na construção do enredo, exatamente como Todorov caracteriza o “fantástico”:

O fantástico implica, pois, uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados. Terá que advertir imediatamente que, com isso, temos presente não tal ou qual leitor particular, real, a não ser uma “função” de leitor, implícita ao texto (assim como também está implícita a função do narrador). A percepção desse leitor implícito se inscreve no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos dos personagens (TODOROV, 1981, p. 19).

Ainda de acordo com o estudioso, “é necessário que o leitor se identifique com um personagem em particular” (TODOROV, 1981, p.19). Neste enredo, o leitor se familiariza com Mário, levando em conta que ambos ficam confusos diante das circunstâncias e são permeados pela dúvida diante do comportamento “estranho” de Érica.

O leitor, portanto, opta pela explicação científica, pois esta é aceita pelo personagem, cujos movimentos são precisos dentro da história que transita do fantástico para o estranho

porque são encontradas explicações aceitáveis no mundo natural para os acontecimentos que, até então, eram considerados incomuns.

No caso do conto de Doyle, leitor e narrador-personagem chegam ao conhecimento de uma explicação que situa a história no “real” é o leitor e o narrador-personagem. Ambos não necessitam escolher por uma explicação, ela chega até eles. No entanto, os outros moradores da casa permanecem na dúvida se a voz misteriosa se trata de uma “verdadeira mulher” ou da “alma da falecida”.

Devido a essas semelhanças entre o conto e a fotonovela, é importante destacar que a história publicada pela revista *Capricho* faz uso de artifícios próprios do gênero fantástico. Primeiramente isso é perceptível pelo fato de não ser um enredo construído com sentido poético ou alegórico. Os personagens são vistos pelo leitor como pessoas “reais” que vacilam (no caso de Mário) entre explicações naturais e sobrenaturais dos acontecimentos; O papel do leitor está relacionado com o personagem masculino e a vacilação é o tema da obra. Estas são as condições que Todorov impõe para que um objeto se encaixe na vertente do fantástico:

Estamos agora em condições de precisar e completar nossa definição do fantástico. Este exige o cumprimento de três condições. Em primeiro lugar, é necessário que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Logo, esta vacilação pode ser também sentida por um personagem de tal modo, o papel do leitor está, por assim dizê-lo, crédulo a um personagem e, ao mesmo tempo a vacilação está representada, converte-se em um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com o personagem. Finalmente, é importante que o leitor adote uma determinada atitude frente ao texto: deverá rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm o mesmo valor. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não cumprir-se. Entretanto, a maioria dos exemplos cumprem com as três. (TODOROV, 1981, p.19-20)

Dessa forma, mesmo que as fotonovelas sejam construídas com a união de fotografias e diálogos, consegue emprestar artifícios utilizados em objetos de leitura que chegam até o leitor por meio de veículos diferentes. Da mesma maneira, esse fator não impede a afinidade entre personagens e leitores e tampouco não impossibilita a participação desses últimos que diante do enredo adquirem uma postura e entendem que o texto não pode ser considerado

“alegórico” ou “poético”, mas que se trata de acontecimentos “estranhos” permeando os personagens que fazem parte de um mundo de pessoas reais.

O conto e a fotonovela estudada, apesar de chegarem a seus devidos leitores por meio de veículos diferentes, aproximam-se por seus temas e por utilizarem artifícios parecidos. Em ambos os enredos, as personagens principais se envolvem num clima de tensão e medo que são despertados por objetos. O anel na história composta em quadros e a caixa laqueada, no conto.

A semelhança se dá também com o diálogo que a produção da revista mantém com o gênero fantástico, pois assim como o conto, essa história de fotonovela se desenvolve em meio a um clima de dúvida e mistério que se desenrola no final, dando às personagens principais e aos leitores uma explicação que se pode entender e aceitar no mundo em que conhecemos. Os dois enredos, então, de acordo com a teoria de Todorov, entram no gênero estranho.

Referências

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad: Nilton Cezar Tridapilli. Paraná: UFPR/EDUEL. 2006.

DOYLE, A Conan. *Contos de terror e de mistério*. Trad: Oscar Mendes. 2 ed. São Paulo. s/d.

FINNÉ, Jacques. *La littérature fantastique: essai sur l'organisation surnaturale*. Trad. Fábio Lucas Pierini. Bruxelles: Éd. de l'Université de Bruxelles, 1980.

REVISTA CAPRICHOS. São Paulo: Editora Abril, número 319, Ano XXI, janeiro de 1973.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução: Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva: 2006.

_____. *Introdução à Literatura Fantástica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva. 1981.